



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

SAMANTA ESTEVES NAGEM

**Entre o grau zero da escritura e o neutro:
a utopia da linguagem em Roland Barthes**

Projeto de pesquisa desenvolvido junto ao Departamento de Letras Modernas da FFLCH e apresentado à Pró-Reitoria de Pesquisa da Universidade de São Paulo para obtenção de bolsa de Iniciação Científica

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Claudia Amigo Pino

São Paulo

2018

RESUMO

O presente projeto de pesquisa tem como objetivo estudar a concepção de utopia da linguagem enquanto problemática recorrente na produção ensaística de Roland Barthes, buscando explorar a relação de possível convergência entre o panorama teórico discutido em *O grau zero da escritura* e o exercício estilístico-criativo colocado em prática em *O neutro*. Para isso, o projeto intenciona estudar alguns exemplos barthesianos em que se realiza o ideal da linguagem branca, buscando entender como opera o mecanismo de neutralização barthesiano que resiste ao caráter fascista da língua, subvertendo as formas cristalizadas de dizer.

Palavras-chave: Barthes, utopia da linguagem, grau zero da escritura, neutro, fascismo, neutralização, forma, valor

1. INTRODUÇÃO

De *O grau zero da escritura* à *Aula*, a problemática da utopia da linguagem – enquanto resistência ao caráter fascista da língua – perpassa a maior parte da produção ensaística barthesiana acerca da prática literária, ressoando como espécie de ponto de fuga hesitante para onde resvalam, frequentemente, suas reflexões.

O neutro – idealizado como curso a ser ministrado no Collège de France – surge como espécie de laboratório de criação onde Barthes colocará em cena o exercício da língua enquanto prática de liberdade, utopia que persiste nos grandes momentos do percurso do ensaísta, crítico e autor francês.

O presente projeto pretende discutir em que medida o processo de neutralização do sistema de poder da língua – colocado em prática em *O neutro* – realiza o ideal utópico preconizado por Barthes a partir de *O grau zero da escritura*. Para isso, busca-se refletir como os signos neutros que Barthes explora – como o sono, o silêncio e o satori – podem ser entendidos como noções que encenam a utopia da suspensão do sentido, desestabilizando o mecanismo de funcionamento autoritário da doxa.

Se, para Barthes, a língua é fascista, na medida em que fascismo não é impedir, mas obrigar a dizer; a utopia barthesiana residiria na margem de liberdade possibilitada pela linguagem como prática de liberdade, fenômeno capaz de resistir à tendência dogmática de suprimir lacunas e abolir clivagens que impera na língua.

Nesse sentido, o projeto objetiva compreender a concepção de utopia da linguagem através do estudo de caso de alguns exercícios de estilo realizados em *O neutro*, obra-laboratório em que Barthes testa o que pode a língua à serviço da liberdade. Para tanto, busca-se entender o funcionamento do mecanismo de neutralização da língua mobilizado a partir de signos capazes de trapacear o paradigma da asserção.

Explorando os exemplos que surgem na obra, busca-se compreender como Barthes concebe e pensa, no plano teórico e prático, os procedimentos capazes de interromper a ação da língua enquanto dispositivo autoritário. Por fim, espera-se que tal percurso permita refletir como o sistema de neutralização da língua colocado em cena em *O neutro* é também prova do caráter factível dos processos de reinvenção linguística que o ideal utópico da linguagem vem preconizar.

2. JUSTIFICATIVA

Tendo em vista as formulações barthesianas, é possível dizer que a utopia da linguagem revela, por contraste, o esgotamento das possibilidades de expressão na modernidade tardia, limitada pela cristalização de sentidos e pela repetição de estereótipos tão denunciados por Barthes.

Partindo da perspectiva barthesiana acerca da linguagem, o presente projeto encontra em *O grau zero da escritura* o ponto de partida que justifica a relevância de estudar as possibilidades de renovação expressivas enquanto imperativo histórico que acompanha a sociedade humana.

Ao distanciar-se do contexto revolucionário para adentrar o período de degeneração ideológica, a consciência burguesa revela um esgotamento da possibilidade de significação. Tal conjuntura se localiza num momento em que a classe burguesa há muito deixara de ser revolucionária, passando a valer-se do sistema linguístico para cristalizar a *doxa*.

Barthes mostra em que medida o dilaceramento da consciência burguesa reativa a necessidade histórica de girar as roldanas da linguagem a fim de encontrar novas formas de expressão capazes de dar conta do imperativo humano de significação vital. No contexto da modernidade tardia, a reinvenção das formas de expressão só seria possível ao alcançar o ‘grau zero’, condição linguística em que os signos finalmente descansariam da univocidade dos sentidos.

Em *O neutro*, Barthes coloca em prática, através do mecanismo de neutralização da língua, a condição de grau zero que a utopia barthesiana jamais deixou de buscar. E, seu horizonte, está o interesse por formas literárias ou signos capazes de materializar o ideal do grau zero ou do neutro. Como o haicai e o silêncio, a utopia da linguagem faz referência à busca por um estado linguístico que suspenderia - por um breve instante - a “autoridade da asserção” e o “gregarismo da repetição”, libertando a linguagem da alienação corroborada, neste momento histórico, pela consciência burguesa.

Em *O grau zero da escritura*, o autor discute o panorama teórico e conceitual em que essa utopia estaria contextualizada; em *O neutro*, a condição linguística já não é enunciada, mas encenada enquanto exercício linguístico capaz de fugir do sistema cartesiano e dogmático da língua. Nesse sentido, este projeto intenta compreender, finalmente, em que consiste esse estado linguístico que permitiria à sociedade descansar do império dos sentidos, alcançando a margem de liberdade necessária à existência humana.

3. METODOLOGIA

A relação dialógica entre o grau zero da escritura e o neutro, noções barthesianas que convergem em direção à utopia da linguagem, será pensada neste trabalho de acordo com uma metodologia que, se não enunciada de modo sistemático, teve a vantagem de ter sido colocada em prática ao longo de toda a produção de Roland Barthes.

Se, por um lado, a metodologia barthesiana parece fugir a sistematizações; revela, por outro, uma ética metodológica que entende a necessidade de pensar a linguagem a partir de seus próprios termos. Tendo isso em vista, o modo de compreender o fenômeno linguístico adotado neste trabalho não se quer enquanto discurso metodológico cristalizado, assertivo; entende que as manifestações da linguagem só podem ser pensadas a partir dela.

Desse modo, a metodologia empregada neste trabalho se quer propositalmente paradoxal, porque sabe que só é fazer jus à língua enquanto prática de liberdade a preço do impossível, já que – como observa Barthes – no momento em que é enunciada, a língua entra à serviço do poder a que este trabalho também quer criticar.

Apesar disso, a metodologia não está inelutavelmente perdida, na medida em que entende a lição barthesiana pela qual a prática linguística se realiza enquanto forma. Nesse sentido, estudar o modo com que Barthes formula e coloca em prática a utopia da linguagem é optar metodologicamente pelo entendimento do mecanismo enunciativo de neutralização operado por Barthes em *O neutro* como exercício de estilo.

Finalmente, a metodologia pela qual se optou vai ao encontro da perspectiva há muito inaugurada por Barthes, compreendendo a linguagem enquanto materialidade, forma que significa.

4. OBJETIVOS

(I) Estudar como Barthes concebe a utopia da linguagem enquanto resistência ao fascismo da língua em *O grau zero da escrita*, *O prazer do texto*, *O rumor da língua*, *O neutro e Aula*.

(II) Discutir a possível convergência entre as noções barthesianas de *neutro* e de *grau zero da escritura*.

(III) Pensar criticamente a resistência ao caráter fascista da língua operada em *O neutro*; estudar os procedimentos linguísticos de neutralização do sistema de poder da língua a partir de alguns exemplos de neutralização.

5. CRONOGRAMA

1 trimestre: Revisão bibliográfica; fichamento dos textos teóricos e críticos previstos no projeto

2 trimestre: Reflexão teórica em função dos objetivos da pesquisa; planejamento da estrutura interna do trabalho à luz do percurso reflexivo realizado; produção de conteúdo conforme a organização textual interna.

3 trimestre: Redação e revisão final; apresentação da IC no SIICUSP

Meses	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.	Jan.	Fev.	Marc.	Abr.	Mai.	Jun.	Jul.	Ago.
Revisão bibliográfica	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Fichamentos		X	X	X									
Reflexão teórica em função dos objetivos da pesquisa					X	X	X	X	X	X	X	X	
Planejamento da estrutura interna do trabalho					X	X	X						
Produção de conteúdo sob orientação							X	X	X	X	X	X	
Revisão final, normalização ABNT											X	X	
Elaboração do folder, apresentação no SIICUSP													X

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTHES, Roland. Aula. 14.ed. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 2007

_____. A câmara clara: nota sobre fotografia. Tradução de Júlio Castñon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

_____. Crítica e Verdade. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Editora Perspectiva, 1999.

_____. O grau zero da escritura. Trad. Heloysa de Lima Dantas. 2ed. São Paulo: Cultrix, 1986

_____. O neutro. Trad. Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2003

_____. O prazer do texto. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2013

_____. O rumor da língua. Trad. Mário Laranjeira. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004

_____. Sade, Fourier, Loyola. Trad. Mário Laranjeira. 1.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005

_____. Uma problemática do sentido. In: Inéditos. Trad. Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, v.I: teoria, 2004

BELLOCHIO, C.M. Uma visão sutil do mundo: Escritura, Enunciação e Variação em Roland Barthes. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de Letras Modernas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017

Brandini, L.T. (Org.) ; BARBOSA, M. V. (Org.) ; PINO, C. C. A. (Org.) . Roland Barthes Plural. 1. ed. São Paulo: Humanitas, 2017. v. 1. 301p .

DERRIDA, Jacques. A Escritura e a Diferença. Trad. Mirian Chnaiderman, Renano Janine Ribeiro. São Paulo: Perspectiva, 2013

ENGELS, Friedrich; MARX, Karl. A ideologia alemã. São Paulo: Boitempo, 2007.

NASCIMENTO, Evando. Derrida. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro, 2004.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. Com Roland Barthes. São Paulo: Martins Fontes, 2012

PINO, C. C. A.. Gênese de uma crítica mágica. Manuscrita (São Paulo), v. 1, p. 116-126, 2016.

RANCIÈRE, J. Políticas da Escrita. Editora 34, Rio de Janeiro RJ, 1995.